

## PRÓLOGO

O preso semicerrou os olhos para o ameaçador céu de ébano, visível através da rede de aço que transformava a parte de trás do carro-patrolha numa jaula. Sabia que devia ter medo, mas estava morto por dentro. Tinha o coração negro. Não podia fazer outra coisa senão assistir à aproximação do vendaval e esperar que este o arrastasse para o seu núcleo revoltó e brutal.

Cinco segundos mais tarde, a tempestade abateu-se sobre eles.

— Mãe de Deus! — guinchou a mulher-polícia que ia a conduzir. Era uma novata pesada, cujos dedos curtos e grossos se crispavam ao volante. O suor brotava-lhe por baixo do cabelo escuro, com um corte masculino, e escorria-lhe pelas faces. A ferocidade do vento levantava as rodas dianteiras do veículo, e a chuva diluviana corria em lençol sobre o vidro. A condutora fez a única coisa que podia: parou, pois estava cega. O carro dançou, oscilando sobre os pneus.

— Continua a andar — disse-lhe o parceiro.

— Estás doido?! A tempestade mudou de direcção, meu estúpido filho-da-mãe, vem direita a nós.

Estavam parados de viés, num troço rural da estrada, rodeados por quintas desertas. Todos os residentes tinham partido para norte, abandonando as casas ao vento e à água.

— Estamos a quarenta e oito quilómetros de Holman — disse o outro polícia. Tinha a voz áspera, como pó de pedra. — Temos de levar este monte de merda outra vez para trás das grades. Continua a andar.

Destroços diversos embatiam nas janelas do carro. Pedras, ramos de árvores tão grossos como a coxa dele, ripas de madeira, pássaros mortos.

— Nem por sombras, homem, nem penses nisso. Temos de nos abrigar imediatamente.

— Abrigarmo-nos não vai fazer diferença nenhuma — replicou o outro polícia. Os reclusos chamavam-lhe Deet, porque ele deixava

atrás de si um rasto adocicado a repelente de insectos, para afastar os mosquitos do Alabama. Tirando isso, nada tinha de doce. Era baixo e magro, mas era uma besta. Usava botas com biqueiras de aço e gostava de partir canelas com um pontapé rápido.

— Vi uma quinta — disse a condutora. — Vou voltar para trás.

Rodou no assento para fazer marcha atrás. O preso fitou-lhe os olhos, enlouquecidos de pânico animal. Estava petrificada, prestes a borrar-se. O cheiro a medo que ela exalava despertou nele algo de familiar e excitante.

O piso asfaltado transformou-se em gravilha, e a condutora parou.

— Estou a vê-la! — exclamou ela, quando um relâmpago iluminou uma quinta delapidada.

Deet espetou o polegar em direcção ao banco traseiro.

— E ele?

— Não podemos deixá-lo no meio da tempestade.

— *Não* vamos tirar esse tipo da jaula! — rosou Deet.

O preso inclinou-se para a frente, comprimindo o rosto duro contra a rede, e dirigiu-se aos dois polícias:

— Deixem-me aqui. Quero lá saber!

Não se importava. Morrer ali era melhor do que voltar para Holman.

Ansiara pela viagem até Tuscaloosa durante semanas. Queria voltar a sentir o fedor do rio Black Warrior e ver as raparigas de rua com os seus *tops* sem costas. Não podiam oferecer-lhe nada em troca do seu depoimento; estava a cumprir uma pena de prisão perpétua. A única coisa que queria era sentir outra vez o sabor da energia da cidade na língua, sentir a vibração das ruas. Queria provar mais uma vez o gosto da vida que lhe fora roubada havia dez anos.

Dez anos. Lembrava-se bem daquela cabra presumida, a observar da última fila do tribunal, enquanto liam a sua sentença. Persegurara-o até ao Sul e denunciara-o à polícia do Alabama, e ele fora preso pelo assassinio de um rival. A sua vida ficara estragada por causa de um Zé-ninguém, que só tivera o que merecia, pois desviava parte da mercadoria. Quem lhe dera ter tido meia hora com ela, para lhe arrancar aquele maldito sorriso da cara, antes de o enterrarem atrás das grades.

Mas ter saído só fazia com que o regresso fosse ainda pior. Os poucos minutos que passara no tribunal, com um fato vestido, sem algemas nos pulsos nem grilhetas nos tornozelos, não passavam de um embuste, como jantar um bife antes de apanhar com a agulha. Tornava os anos que o esperavam, enfiado naquela cela fedorenta e apinhada, sem ver

senão o cinzento do betão e do aço todos os minutos da sua vida, completamente intoleráveis. Ser sugado pela tempestade seria uma bênção.

— Para onde diabo pode ele fugir? — berrou a mulher. — Anda daí, temos de ir *já!*

Deet Praguejou e abriu a porta do carro de repelão. O vento arrancou-lha da mão com um gemido metálico. A tempestade rugia como um comboio. Deet empunhou a arma e apontou-a à cabeça do preso.

— Dá-me problemas e és um homem morto — berrou. Destrancou a porta traseira.

O preso enredou-se nas correntes ao tentar pousar os pés no chão e caiu. Sentiu a mão de Deet a puxá-lo pelo colarinho. Cuspiu lama.

— Vamos! — gritou a mulher. Acenou com um rádio de emergência e fechou a mala do carro-patrolha.

A chuva fustigava o preso, ferindo-lhe as faces como golpes de um picador de gelo. Esforçou-se por avançar, com passinhos minúsculos, pelo caminho de acesso à casa, que se transformara num rio caudaloso. Quando tropeçava, devido às grilhetas que lhe prendiam os pés, sentia o cano da arma de Deet no pescoço, a empurrá-lo para diante. Chegaram ao alpendre da casa rústica de dois pisos, mas a porta estava barricada com tábuas pregadas à ombreira. A mulher-polícia pousou o rádio e pôs-se a puxar as tábuas. Os seus dedos começaram a sangrar.

O prisioneiro perguntou-se até onde conseguiria ir, se tentasse desaparecer na tempestade. Deet leu-lhe os pensamentos. Fitou-o e engatilhou a arma:

— Queres fugir? Força. Vais poupar...

Calou-se. O prisioneiro franziu as pálpebras para se proteger da chuva e viu que o polícia já não tinha cabeça. Mesmo acima do corpo dele, uma placa de sinalização amarela, com uma gotejante orla vermelho-sangue, vibrava na parede da casa, onde fora cravar-se depois de cortar o ar como uma guilhotina. Uma coisa semelhante a uma bola de futebol rolou pelo alpendre, depois foi apanhada por uma rajada de vento e levada para longe. Era a cabeça de Deet.

Ouviu a mulher-polícia uivar, um som horrível, primitivo e aterrorizado. O corpo de Deet tombou, jorrando sangue aguado que escorreu como tinta pelos degraus de madeira. O prisioneiro tentou atirar-se à arma, mas ela fez o mesmo. Era surpreendentemente rápida, para uma mulher tão corpulenta. Empurrou-o para fora do alpendre e puxou da pistola. Apanhou a arma do parceiro e enfiou-a no cinto.

Depois, sem tirar os olhos do preso, prostrado no meio do sangue e da lama, agachou-se e vomitou por cima do corpo do polícia morto.

— Levanta-te! — gritou, limpando a boca.

Abriu a porta e fez sinal ao prisioneiro para entrar à sua frente. Ele fingiu coxear. As paredes da casa rangiam como latas de alumínio, e as tábuas sob os seus pés estremeciam como se os pregos estivessem prestes a saltar. Estava escuro lá dentro, e a mulher-polícia ligou o rádio e o respectivo sinal de emergência. Um zumbido zangado de estática crepitava entre as paredes e, de dois em dois segundos, a sala era iluminada por um feixe de luz vermelha.

— Lá para baixo — ordenou ela, apontando uma porta aberta.

— Solte-me os pés.

— A merda é que solto.

— Não consigo descer escadas com estas grilhetas — insistiu ele, evitando que o desejo que sentia lhe transparecesse no olhar. *Solta, solta, solta.*

— Vou partir a porra do pescoço, sua cabra estúpida. Não consigo ver no escuro.

— *Mexe-te!*

— Mate-me se quiser, não vou a lado nenhum assim.

A mulher praguejou e atirou-lhe um molho de chaves aos pés. Afiavelando uma máscara de cansaço, ele baixou-se, abriu as grilhetas e estirou os membros entorpecidos. Avaliou a sua carcereira, que segurava a arma nas mãos pouco firmes. Tinha o uniforme ensopado e colado à pele, água a escorrer-lhe do cabelo. Dançava de impaciência.

— Lá para baixo — repetiu ela, com a voz a falhar.

Os degraus de madeira nua rangeram sob o peso dos pés dele. A mulher-polícia manteve-se atrás dele, mas era nova e aproximou-se demasiado, espetando-lhe a arma no fundo das costas. Ele tropeçou, e ela imobilizou-se. A mão dele deslizou para trás e, num instante, agarrou no pulso dela, puxou-a com força e projectou-a pelas escadas abaixo. A mulher gritou, rebolando descontroladamente, partindo as pernas, partindo a clavícula, e foi aterrar num amontoado carnudo sobre o chão de cimento. O rádio partiu-se numa miríade de estilhaços de plástico. O preso correu imediatamente para ela, arrancando-lhe as duas armas, e arrastou-a pelo cós da saia até ao centro da cave.

Ela gemeu de agonia, cuspidando sangue.

— *Seu filho-da-mãe!*

Ele alimentava-se do medo dela. Vê-la aos seus pés, impotente e desesperada, fê-lo sentir-se como um réptil que se liberta de uma pele velha e indesejada. Tinha renascido ao fim de dez anos no inferno, era um novo homem.

Com um estrondo, a pequena janela aberta na parede de betão da cave rebentou, e a água jorrou para o interior em grandes vagas. O cheiro era fétido e bolorento. A mulher-polícia gritou ao ver a água suja acumular-se em seu redor.

— Jesus, o rio transbordou! Temos de sair daqui.

Ele riu-se na cara dela:

— Temos?

— Não podes deixar-me aqui, por amor de Deus. Não consigo levantar-me.

A água redemoinhava em torno dos pés do preso. Atingiu rapidamente sete centímetros de profundidade e continuou a subir. Ele ficou a ver a mulher-polícia a tentar erguer-se, apenas para logo voltar a cair, quando os ossos fendidos cederam. A mulher debateu-se na água e gritou por socorro, mas a sua voz não passava de um sussurro no fragor da tempestade que se abatia sobre a casa.

— Por favor — suplicou ela. — Por favor.

O prisioneiro ficou fisicamente excitado ao vê-la. Esfregou-se através das calças de ganga, escutando os sons do sofrimento da mulher. Ela afundou-se pela primeira vez quando a água chegou à altura das coxas dele. Emergiu de novo, tossindo e engasgando-se, depois foi engolida pela água que se fechava sobre a sua cabeça. Sempre que emergia, gritava-lhe obscenidades e invectivava-o, porque era ele quem detinha o controlo sobre o destino dela, porque era ele quem detinha o poder absoluto, porque era ele o instrumento inabalável da vida e da morte. Não tinha por onde fugir.

Deu-se então uma metamorfose sob os olhos do prisioneiro. Deixou de ver o rosto da mulher-polícia. Em vez disso, via o rosto da cabra que o perseguira como um demónio durante dez anos e soube que, agora, também ela não teria por onde fugir.

— É essa a grande vantagem das inundações — disse à mulher-polícia, da última vez que o rosto dela emergiu da água turva do rio. — Lavam os nossos pecados.

PRIMEIRA PARTE

SEI QUEM É

# Um

Maggie acordou sobressaltada, a sonhar com sexo. Perguntou-se se também teria sonhado o tiro.

Estava enrodilhada nos lençóis pretos, a pele húmida com um brilho de suor. Pestanejou, cambaleando mentalmente para fora do mundo do sonho, mas o pesadelo não a largava. Tinha os olhos abertos, mas estava cega. Sentia o corpo preso por umas mãos impossivelmente fortes. Um fedor a peixe morto inundava-lhe as narinas e dava-lhe vontade de vomitar, mas tinha a boca tapada. Esmurrou o corpo dele com os punhos, mas era como uma mosca a bater numa vidraça, a tentar escapar sem conseguir ir a lado nenhum. Ele ria-se dela, num ronco mal-doso, de prazer. Ela gritava.

Abriu bruscamente os olhos. Estava acordada. Só que, não estava.

Stride estava sentado na sua cama. Ouviu-se a si própria dizer: «Olá, chefe», tentando falar num tom sedutor, mas em vão. Ele sorria-lhe, com uns olhos enlouquecedoramente escuros e irónicos. Maggie abriu os braços, tomou-o neles e estava prestes a saborear um beijo quando ele se desfez em areia.

Foi então que ouviu o som, abafado e distante. *Bam!*

Sentou-se na cama. A respiração agitada fazia-lhe subir e descer o peito violentamente. Olhou para o relógio pousado na mesa-de-cabeceira e viu que eram três da manhã. Dormira duas horas, embora não fosse tanto um sono como um torpor embriagado, atulhado de sonhos estranhos. Nada daquilo fora mais do que isso: sonhos.

Mas o tiro deu-lhe que pensar. Algo a despertara. Talvez tivesse sido Eric, a andar de um lado para o outro no piso inferior. Ou talvez tivesse sido a violência do vento a fazer ranger as madeiras. Sentou-se sem ruído, apurando os ouvidos. Começara a nevar; via a neve através da janela, minúsculos flocos gelados a silvarem contra a vidraça, como sussurros. Ficou à escuta, atenta a sons de passos, mas nada ouviu.

Lembrou-se de algo que Stride sempre lhe dissera: que nunca desse ouvidos a preocupações que a assaltassem a meio da noite.

Deu-se conta de que tinha frio. Havia uma corrente de ar no quarto, e a sua pele estava húmida. Mesmo em Janeiro, dormia apenas de cuecas, pois não gostava de sentir roupas a prendê-la por baixo dos cobertores, mas o resultado era que muitas vezes acordava gelada. Levantou-se e dirigiu-se ao termóstato, cuja temperatura regulou para uns bons graus mais acima. Algures nas entranhas da casa, a fornalha despertou com um ronco, exalando ar quente para dentro do quarto.

Foi ao armário buscar um roupão. Na porta havia um espelho de corpo inteiro, e Maggie deteve-se a observar a sua imagem nas sombras iluminadas pelo luar. Passara anos a encontrar defeitos no seu corpo. Era demasiado baixa, com menos de um metro e meio de altura, e demasiado magra, com os membros ossudos e uns seios que se assemelhavam a um par de alatinhos minúsculos. Parecia uma boneca apesar de já ter bem mais de trinta anos. Usava o cabelo preto com o mesmo corte do costume, com uma franja direita a atravessar-lhe a testa. Era bonita, toda a gente lho dizia. Mas ela não via isso. Tinha o nariz pequeno e atrevido, mas as suas bochechas eram demasiado arredondadas. Os olhos amendoados de asiática eram quase negros, de tão escuros, e apresentavam pequenas pintas amarelas num padrão irregular. As suas feições eram demasiado simétricas. Conseguia fazer coisas espantosas com o rosto, contorcê-lo em expressões sarcásticas, transformar a boca num pequeno «O» orlado pelos lábios cor de cereja, como um peixe fora de água. Mas bonita? Não lhe parecia.

Levantou o braço. A pele cor de mel estava toda arrepiada. Pousou a mão na barriga nua e lisa e ficou a olhar-se no espelho enquanto massajava o abdómen em círculos lentos. A sua vista enevoou-se brusca-mente, e começou a chorar. Abriu a porta, para não ter de continuar a olhar para si mesma, e tirou um roupão de seda de um cabide. Vestiu-o e atou o cinto com um nó apertado.

Afastou-se, fungou e limpou os olhos. Sentia-se esmagada pelo gigantismo do quarto e pelos imponentes móveis de mogno. Na parede do fundo havia uma cómoda cor de vinho, mais alta do que ela; tinha de se pôr em bicos de pés para conseguir ver para dentro da gaveta de cima. Quatro colunas de madeira trabalhada à mão erguiam-se nos cantos da cama enorme e vazia. Era uma cama demasiado grande para lá dormir sozinha, que era o que acontecia havia várias semanas. Detestava aproximar-se sequer dela.



Deu um passo e cambaleou. Ainda sentia os efeitos do vinho que bebera no parque. Apoiou-se à mesa-de-cabeceira. Baixou os olhos, que foram pousar sobre o seu distintivo, e foi invadida pelas complexas emoções resultantes de dez anos na polícia. Não esperava estar ainda a trabalhar, mas havia uma parte de si que não era capaz de deixar a brigada de detectives, que desejava e precisava de estar com Stride. Ou talvez fosse porque, pouco a pouco, todo o resto da sua vida se tornara num horror ao longo do último ano, e o trabalho era uma maneira de esquecer.

Olhou novamente para a mesa-de-cabeceira e sentiu uma inquietação insinuar-se-lhe no estômago. Algo não estava bem. Reconstituiu mentalmente os passos que dera, o que fizera, onde fora, na esperança de ter apenas cometido um erro de bêbada. Mas isso não acontecera. Subira as escadas e pousara o distintivo, a carteira, a arma e as chaves na mesa-de-cabeceira, ao lado do relógio.

Mas agora a sua arma não estava lá.

Fora uma feia noite de quarta-feira. Um frio horrível, como sempre acontecia em Janeiro. Às dez da noite, Eric ainda não chegara. Maggie estivera a arranjar coragem para falar com ele, mas ficara zangada quando ele não aparecera. Eric mostrara-se muito reservado e misterioso ao longo da semana a seguir às festas, mas ela não podia censurá-lo por isso. Havia várias semanas que eram como estranhos um para o outro, discutindo constantemente. A culpa era dela. Fora ela quem se isolara, quem o afastara, porque não conseguia lidar com tudo o que lhe acontecera.

Ficara farta de esperar e resolvera sair. Pegara numa garrafa de *chardonnay* e num saca-rolhas e embrulhara-se na sua zibelina russa, um presente de casamento que raramente vestia, mas que era quente e a fazia sentir-se como se pertencesse à realeza. Ainda não começara a nevar, e as ruas estavam limpas. Fora de carro até à cidade, ainda engalanada com as luzes festivas, e seguira depois para norte, pela estrada ao longo da margem do lago, até chegar a um desvio junto à água. Não se via ninguém. Estacionara e abriu o vinho. Quando saíra do carro, o vento esbofeteara-lhe o rosto mas ela ignorara-o, seguindo por um caminho nevado até à massa escura e movediça do Lago Superior. As estrelas cintilavam alegremente, sem que o seu esplendor fosse empanado pelas luzes da cidade, mais a sul. Os ramos das árvores de folha perene vergavam sob o peso da neve. As suas botas enterravam-se na

neve solta, o casaco dava-lhe pelo meio das coxas e, entre a pele do agasalho e as botas, o frio enregelava-lhe as pernas.

Ali não havia uma camada de gelo a estender-se da margem para o centro do lago; a água corria com demasiada rapidez para isso. Só nas fases mais duras do Inverno é que o frio se tornava suficientemente forte para espalhar uma hesitante folha de gelo com algumas centenas de metros por cima do lago. Por agora, havia apenas as ondas iradas da meia-noite, com cristas brancas e frígidas a quebrarem sobre as rochas, e montanhas ondulantes de água, que lembravam monstros marinhos a colearem em direção à praia.

Maggie levava a garrafa aos lábios e bebera. O vinho estava seco e gelado. Não jantara, e a bebida subira-lhe imediatamente à cabeça. Sentia-se cheia de pena de si própria, mas importava-se menos com isso a cada novo gole. Ficara lá cerca de uma hora, até o vinho acabar e os seus membros ficarem dormentes. Atirara a garrafa vazia, que rodopiara pelo ar e fora mergulhar nas ondas ferozes. Considerara a possibilidade de se deitar na neve e não voltar a levantar-se.

Despir a roupa e morrer de frio.

Mas não. Embora nada a esperasse em casa, sabia que eram horas de voltar. Regressara ao parque de estacionamento, num passo algo inseguro, e sentara-se na carrinha, a descongelar. Sentia a boca rígida. Tinha as faces pálidas e o cabelo incrustado de neve. Parecia o Homem de Lata, enferrujado, a precisar de óleo.

Conduzira devagar até casa, sentindo os efeitos do vinho. A rua estava escura e silenciosa, à uma hora da manhã. Já toda a gente tinha apagado as luzes nas suas grandes casas e ido aconchegar-se por baixo dos edredões de penas. Quando abrira o portão da garagem, vira que Eric também já voltara. Devia estar a dormir no escritório. Ainda pensara em ir acordá-lo e fazer o que planeava, mas resolvera esperar pela manhã.

Despira o casaco de peles no corredor, sem acender nenhuma luz. Havia uma arca antiga ao pé da porta, por baixo de um espelho de bronze. Vira uma coisa pousada sobre a madeira envernizada. Eric deixara aquilo ali, quando entrara. Tratava-se de uma caneca de café de cerâmica preta e, por baixo dela, um papel dobrado, com o seu nome rabiscado na caligrafia do marido. A caneca tinha restos de café seco.

Maggie desdobrara o papel. Mesmo à luz fraca que vinha da rua conseguira distinguir as palavras: «*Sei quem é.*»

Ficara a olhar longamente para o bilhete. Era sempre a mesma história, a mesma velha acusação. Irritava-a que ele ainda não confiasse nela. Amarrotara o bilhete numa bola, enfiara-o no bolso e subira para o seu quarto.

Onde estaria a sua arma?

Só lhe ocorria uma explicação: Eric levava-a. Tinha entrado no quarto e tirado a arma da mesa-de-cabeceira. O tiro não fora um sonho. Mas não fazia sentido nenhum. Eric não tinha tendências suicidas; era uma força da natureza, enérgico, apaixonado, sempre pronto a testar os seus próprios limites. E os dela também.

Viu um cone de luz branca varrer o quarto. Agachou-se instintivamente, depois rastejou até à janela que dava para o lago. Levantou-se, fora de vista, e aproximou cuidadosamente o rosto da vidraça fria, até conseguir espreitar lá para fora. A escuridão no interior do quarto mantinha-a oculta. Viu os faróis de um carro estacionado a cerca de cinquenta metros e, sob o seu olhar, o veículo acelerou, com as rodas a derrapar na neve lamacenta, fez inversão de marcha e desapareceu. Maggie não conseguiu distinguir a marca nem o modelo.

Ficou à espera, esquadrinhando a rua com o olhar. Nevava em grandes flocos húmidos, que escorriam pela janela. Olhou directamente para baixo e viu pegadas na camada branca, formando um rasto desde a entrada de casa até à rua. Mas o vento e a neve já estavam a apagar as marcas.

Correu para a porta. Rodou a maçaneta, hesitou, depois abriu-a. O corredor estava imerso em sombras. Resolveu arriscar e chamou, baixinho:

— Eric? — Depois repetiu, mais alto: — *Eric!*

Respondeu-lhe apenas o silêncio opressivo da casa. Aspirou o ar e sentiu o odor cediço da carne que fizera para um jantar que ninguém comera. Desceu a escada, cosida com a parede. Lançou uma olhadela à sala de estar e à sala de jantar. Estavam ambas vazias. Tinha os pés descalços, e o chão estava frio. Apertou melhor o roupão e dirigiu-se silenciosamente para a porta aberta do escritório de Eric. Quem lhe dera ter uma arma!

Perto da porta, ouviu um som de gotejar. Lento e regular. Gotas a caírem numa poça. Sentiu o estômago revolver-se. Passou a mão pela porta e acendeu a luz, cujo fulgor súbito a encandeou. Franziu os

olhos. Lá dentro, o gotejar continuava, pingue, pingue, pingue. O som era acompanhado agora por um novo cheiro, um cheiro que ela conhecia muito bem.

Entrou no compartimento. Eric estava no sofá, braços e pernas abertos, com pequenos riachos de sangue a escorrerem-lhe pelas faces e a caírem em poças vermelhas no chão luzidio. Tinha um ferimento de bala na testa. Maggie não correu para o marido. Não adiantava; ele já estava morto. Era apenas mais um corpo, a somar às centenas de corpos que ela vira ao longo dos anos. Os seus olhos estudaram a sala por instinto, os olhos de uma detective à procura de respostas. Não encontraram nenhuma. Apenas um terrível mistério: a sua arma, que repousava sobre a mesa-de-cabeceira quando ela se fora deitar, estava agora no meio do chão. Fiapos de fumo misturavam-se ao fedor mineral do sangue.

Maggie desejou ser capaz de chorar. Acima de tudo, apetecia-lhe cair de joelhos, chorar e perguntar a Deus como aquilo podia ter acontecido. Mas não lhe restavam quaisquer lágrimas. Não lhe restava nada. Mordeu os lábios, olhou para o homem que outrora amara e soube que, por muito má que a sua vida tivesse sido no último ano, estava prestes a tornar-se ainda pior.